



REAMEC – Rede Amazônica de Educação em Ciências e Matemática

ISSN: 2318-6674

revistareamec@gmail.com

Universidade Federal de Mato Grosso  
Brasil

Martins Costa, José Maria; Macêdo Coelho, Yuri  
Cavaleiro; Carneiro de Almeida, Ana Cristina Pimentel  
**DA SALA DE AULA PARA O INSTAGRAM: OS STUDYGRAMMERS  
E O ENSINO-APRENDIZAGEM EM CIÊNCIAS E BIOLOGIA**

REAMEC – Rede Amazônica de Educação em  
Ciências e Matemática, vol. 10, núm. 2, e22038, 2022  
Universidade Federal de Mato Grosso  
Brasil

DOI: <https://doi.org/10.26571/reamec.v10i2.13357>

- ▶ Número completo
- ▶ Mais informações do artigo
- ▶ Site da revista em [redalyc.org](http://redalyc.org)



## DA SALA DE AULA PARA O INSTAGRAM: OS STUDYGRAMMERS E O ENSINO- APRENDIZAGEM EM CIÊNCIAS E BIOLOGIA

### FROM THE CLASSROOM TO INSTAGRAM: STUDYGRAMMERS AND TEACHING AND LEARNING IN SCIENCES AND BIOLOGY

### DEL AULA A INSTAGRAM: STUDYGRAMMERS Y ENSEÑANZA Y APRENDIZAJE EN CIENCIAS Y BIOLOGÍA

José Maria Martins Costa\*

Yuri Cavaleiro de Macêdo Coelho\*\*

Ana Cristina Pimentel Carneiro de Almeida\*\*\*

#### RESUMO

Na pós-modernidade, informações e conhecimentos são produzidos e divulgados por meio das tecnologias, especialmente pela internet e mídias digitais. Alunos e professores têm em suas mãos recursos que permitem acesso aberto ao saber, o que inspira mudanças e constantes invenções no campo da educação. Nas redes sociais da Internet, perfis estão sendo criados para explicitar materiais e/ou rotinas de estudo, com intuito de compartilhar vivências, inspirar outras pessoas, bem como divulgar e discutir temáticas relevantes, sendo conhecidos como Studygrams. Nesse sentido, objetivou-se, com a realização deste estudo, identificar tendências e contribuições dos Studygrams para o ensino-aprendizagem de Ciências e Biologia, na visão de um painel de Studygrammers que produzem e publicam conteúdos relacionados às Ciências Biológicas no Brasil. O trabalho foi desenvolvido a partir de uma abordagem qualitativa, com elementos de pesquisa netnográfica, como a observação participante e o trabalho de campo online. Os resultados evidenciaram que os Studygrams têm potencial para explorar e desenvolver competências e habilidades, tanto naqueles que postam, quanto nos que acessam os conteúdos. Entende-se que esta nova prática de ensinar e aprender em espaços informais tem despertado atitudes de empreendedorismo, autonomia, organização, interação e criatividade, que permitem a fixação dos conteúdos, a interdisciplinaridade, a contextualização e a formação para a cidadania.

**Palavras-chave:** Ensino de Ciências. Redes Sociais. Studygrams. Educação Online. Internet.

#### ABSTRACT

\* Graduando em Licenciatura Integrada em Educação em Ciências, Matemática e Linguagens (IEMCI/UFPA), Belém, Pará, Brasil. Endereço para correspondência: R. Augusto Corrêa, 01, Guamá, Belém, Pará, Brasil, CEP: 66075-110. E-mail: [josemc1508@gmail.com](mailto:josemc1508@gmail.com).

\*\* Doutorando em Educação em Ciências e Matemáticas (PPGECM/IEMCI/UFPA). Professor Adjunto da Faculdade Estácio de Belém, Belém, Pará, Brasil. Endereço para correspondência: R. Augusto Corrêa, 01, Guamá, Belém, Pará, Brasil, CEP: 66075-110. E-mail: [yuricoelhos15@hotmail.com](mailto:yuricoelhos15@hotmail.com).

\*\*\* Doutora em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido. Professor Efetivo da Universidade Federal do Pará (IEMCI/UFPA). Endereço para correspondência: R. Augusto Corrêa, 01, Guamá, Belém, Pará, Brasil, CEP: 66075-110. E-mail: [anacrispimentel@gmail.com](mailto:anacrispimentel@gmail.com).





*Studygrammers* – como são conhecidos os gerenciadores de *Studygrams* – em todas as áreas do conhecimento.

Esses perfis são utilizados para compartilhar, em linhas gerais, rotinas de estudo, conteúdos de aprendizagem e novidades científicas por meio de *flashcards*, mapas mentais, fichas-resumo, vídeos, memes, dentre outras abordagens. Libertos do engessamento curricular das instituições educacionais, os usuários elaboram publicações e realizam eventos (como *lives*, videoconferências ao vivo) sobre temáticas diversas, com linguagem clara, objetiva e bem-humorada, propiciando uma interatividade, em que todos são atores e autores do processo comunicativo; salientando-se também a qualidade estética.

Percebe-se, dessa forma, que processos de ensino-aprendizagem informais estão tomando conta das trajetórias educacionais em Ciências, sobretudo entre o público jovem, com potencial para aumentar o rendimento escolar e financeiro, assim como a produtividade daqueles que acessam e gerenciam o perfil, com o intuito de esclarecer informações científicas, estimular a pesquisa e a escrita, auxiliar no processo de estudo, entre outras funcionalidades.

Ainda nessa perspectiva, Lucena e Oliveira (2014) ressaltam que para pensar, conceber esta escola que hoje é permeada pelas tecnologias e por jovens, que fora da escola vivenciam outras formas de produzir e consumir conteúdos, é necessário desenvolvermos pesquisas e práticas educativas que possibilitem a compreensão da sociedade contemporânea, dos sujeitos que nela atuam e dos espaços híbridos de educação.

Frente a esses pressupostos, objetivou-se, com a realização deste estudo, identificar tendências e contribuições dos *Studygrams* para o ensino-aprendizagem de Ciências e Biologia, na visão de um painel de *Studygrammers* que produzem e publicam conteúdos relacionados às Ciências Biológicas no Brasil.

## 2 PERCURSO METODOLÓGICO

Esta é uma pesquisa qualitativa (BOGDAN; BIKLEN, 1994) de abordagem netnográfica (KOZINETS, 2014), pautada na observação participante e trabalho de campo *online*. Os procedimentos adotados incluíram: planejamento da pesquisa, entrada na

comunidade virtual, coleta de dados, interpretação e adesão a padrões éticos (KOZINETS, 2014).

Realizou-se uma imersão na rede social Instagram visando buscar *Studygrams* populares e que explorassem predominantemente em suas publicações, dentre outros conteúdos, temáticas relacionadas às Ciências. Perfis populares ou com alto engajamento geralmente são aqueles que possuem conteúdo relevante, com informação atualizada e estética atrativa, os quais alcançam alto número de pessoas, seguidores ou não. Sete *Studygrams* foram selecionados para serem monitorados durante um mês, pois satisfizeram esses critérios. Ademais, os gerenciadores desses perfis – os *Studygrammers* – também aceitaram por meio de TCLE, ser objeto de atenção e análise desta investigação científica.

A partir disso, iniciou-se a observação participante, procedimento que sustenta a compreensão de qualquer fenômeno virtual que se deseja investigar (CORRÊA; ROZADOS, 2017). As dinâmicas dos perfis foram analisadas de perto, sobretudo aspectos sobre os conteúdos postados e eventos realizados, como frequência, temática, interação com os seguidores, entre outros. Para auxiliar no monitoramento, as notificações de publicação foram ativadas para que nenhuma ação fosse esquecida. Os pesquisadores-observadores também interagiram com o público que acompanha os perfis (seguidores ou não) e com seus gerenciadores. O registro das informações ocorreu através de anotações em diário hipertextual de campo, elaborado no *App EverNote*, onde descrições sobre as observações, *links*, capturas de tela de conversas informais e das postagens dos *Studygrams* foram inventariadas diariamente, no momento que aconteciam.

O contato dos pesquisadores-observadores com os perfis e seus administradores, embora virtual, ficou tão próximo, que estes foram convidados por um dos *Studygrammers* a acompanhar as dinâmicas de um grupo no aplicativo de mensagens instantâneas *WhatsApp*®, em que todos os participantes eram gerenciadores de *Studygrams*. Dessa forma, a imersão nesse universo foi ampliada, observando também a rotina desses criadores de conteúdo de estudo e seus processos de criação, de inspiração, de interação entre eles, de articulação de parcerias e outros.

Por fim, realizou-se entrevistas semiestruturadas com os gerenciadores dos perfis monitorados, através de videoconferências gravadas, que foram posteriormente transcritas.









diversos assuntos relacionados à Biologia, como: fisiologia humana, ecologia, evolução e muitos outros. As gerenciadoras dialogam diariamente com o público através dos *Stories*, o que intensifica a interação e agrega sugestões, dúvidas, críticas e elogios. O perfil tem parcerias com patrocinadores, os quais são empresas de produtos de papelaria, lojas de presentes personalizados, empresa de marketing e instituição de cursos, além de possuir uma marca própria de materiais de estudo.

Gerenciado por uma vestibulanda, o perfil @4 trata de diversos assuntos relacionados ao âmbito escolar, com foco nas Ciências e História. Tem a finalidade de aumentar o rendimento nos estudos da *Studygrammer*, bem como ajudar outros estudantes na preparação para o vestibular. Suas postagens compreendem resumos, *lettering*<sup>5</sup>, métodos de estudo e dicas, algumas também incluem sua rotina pessoal com alta preocupação estética.

O perfil @5 é administrado por um professor de Biologia. Caracterizado por ser um perfil motivacional, objetivo e bem-humorado, em suas publicações retrata assuntos da Biologia de maneira descontraída associados a referências do cotidiano, o que torna o aprendizado interessante e compreensivo. Assim, contribui para o desenvolvimento do conhecimento científico, essencial para que as pessoas conheçam os principais conceitos de conteúdos relacionados à Biologia. Dispõe diariamente de quiz, enquetes e *Reels* nos *Stories* para interagir com os seguidores e, conseqüentemente, fortalecer a relação com eles. O *Studygrammer* possui também um canal no YouTube, onde o público do Instagram pode acessar os assuntos por meio de vídeo aulas, de forma mais aprofundada e contextualizada. D'Ávila, Santos e Macedo (2020) compartilham a visão de que, no atual contexto cibercultural, o professor precisa assumir uma atitude inovadora tanto na maneira de aprender, enquanto usuário de TDIC, quanto na forma de mediar suas práticas.

Com fotos bem elaboradas para retratar assuntos da vida escolar, as publicações do perfil @6 apresentam múltiplos conteúdos para atender um público que, assim como a gerenciadora, busca a aprovação no vestibular. Encontra-se diversas chamadas para interação à medida em que a *Studygrammer* responde aos questionamentos de seguidores, solicita a resolução de questões de vestibulares e compartilha experiências com diferentes técnicas de estudo.

---

<sup>5</sup> Prática de desenhar letras livremente, unindo trabalhos de design, ilustração e escrita.







relacionamento de respeito e compromisso, com trocas, elogios e, num momento exclusivo e surpreendente, reconhecer a legião de fiéis admiradores e atrair potenciais consumidores.

A troca de experiências e cooperativismo entre os integrantes foi algo que se destacou. O grupo se constitui como um espaço para que os *Studygrammers* busquem maneiras de reinventar seus perfis, trazer algo novo, conteúdos e ideias que as pessoas precisam conhecer e aprender. Isso faz com que pensamentos, valores, dúvidas e necessidades sejam compartilhados, permitindo colaboração mútua e busca pelo alcance de objetivos comuns (GOULART, 2014).

Dessa forma, a busca por seguidores não é uma prioridade do grupo, mas, sim, compartilhar vivências pessoais e sobre a dinâmica de seus *Studygrams*; trocar sugestões para postagens; estabelecer parcerias e boas relações, dentre outras possibilidades. Muitos *Studygrammers* antecipam o conteúdo de suas postagens no grupo para que os demais possam tecer críticas e apontar possíveis melhorias (Figura 2.c). Dessa forma, considera-se que os *Studygrammers* utilizam a interface do WhatsApp® como *espaçotempo* multirreferencial que possibilita múltiplas oportunidades de os sujeitos interagentes serem a(u)tores, produtores de saberes, culturas e conhecimentos (LUCENA; OLIVEIRA; SANTOS JÚNIOR, 2017).

Ademais, verificou-se que muitos integrantes do grupo comungam do discurso de que após criação de seus *Studygrams* tiveram melhora considerável em seus rendimentos nos estudos, pois conseguiram organizar o tempo e os materiais utilizados com mais qualidade. Alegam também satisfação pessoal em ter a oportunidade de contribuir para o processo de aprendizagem de outras pessoas por meio de seus perfis.

### 3.3 Os *Studygrammers*: a pessoa por trás do perfil

Para entender a discussão em pauta é necessário levar em consideração experiências sólidas e relatos de quem participa ativamente das dinâmicas desse novo *espaçotempo* de disseminação de informações e ensino-aprendizagem. À vista disso, cinco dos sete *Studygrammers* monitorados foram entrevistados por videoconferência ou responderam de forma escrita ao roteiro de uma entrevista.

Sobre as motivações que levaram essas pessoas a criarem um *Studygram*, tem-se, primordialmente, organizar e/ou melhorar seus estudos; ajudar outras pessoas; e popularizar novidades e avanços científicos:

*“[...] já acompanhava outros Studygrams e aprendia muita coisa com eles, achava bem interessante a proposta de ajudar outras pessoas nos estudos através de postagens em uma rede social, então me encorajei e resolvi criar meu próprio perfil.” (ANA<sup>7</sup>, Perfil @1).*

*“Com a pandemia e o ensino remoto, tive que organizar melhor minha rotina e meus estudos. Criar o Studygram foi a forma que eu arrumei pra isso” (CAROL, Perfil @6).*

*“Observava que meus alunos, em sala de aula, tinham muita dificuldade com alguns assuntos. Criei o perfil pra vê se tornava a Biologia mais palatável e compressível por todos.” (JOÃO, Perfil @5)*

A relevância do assunto se mostra na atitude dos entrevistados em assumir o papel de protagonista em um método de aprendizagem e ensino não tradicional que ganha força com os avanços tecnológicos. Silva e Serafim (2016) salientam que é importante fazer uso do potencial educativo das tecnologias da informação e comunicação, pois sem o suporte tecnológico, ficam comprometidas as chances de aumentar a variedade e a diversidade necessárias à sala de aula contemporânea, pois o valor da tecnologia não está nela em si mesmo, mas depende do uso que dela fazemos.

Quando indagados sobre o impacto dos *Studygrams* na educação, os entrevistados repercutiram que as mídias sociais nunca estiveram tanto em evidência como na atualidade e, com isso, têm capacidade para contribuir significativamente para aproximar as instituições de ensino e as informações científicas à realidade do aluno. Como muitos jovens têm acesso à internet e são usuários das mídias sociais, iniciativas como os *Studygrams* aumentam as possibilidades de “tropeçar” em informações tecnocientíficas e/ou dicas de estudo, ao invés de buscá-las ativamente, tal como pontua o relatório do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Comunicação Pública da Ciência e Tecnologia (INCT-CPCT, 2021).

Os *Studygrammers* entrevistados acreditam que a linguagem simples e bem-humorada, a objetividade com que as informações são explicitadas, a praticidade e a interatividade são as principais virtudes desses perfis.

---

<sup>7</sup> Os nomes são fictícios para salvaguardar o anonimato garantido ao interlocutor.

*“A linguagem é mais acessível, é o jovem falando a mesma língua do jovem. São métodos objetivos que fazem com que as pessoas entendam assuntos que parecem altamente complexos.” (ERICK, Perfil @2).*

*“Havia muita coisa que eu não tinha aprendido na escola. Quando comecei no Studygram percebi que as pessoas tinham as mesmas dificuldades que eu em determinados assuntos. E ali poderiam comentar, falar, sem medo ou constrangimentos, o que gera um feedback legal na minha relação com eles.” (CAROL, Perfil @6).*

Algumas dificuldades de atuar nesse cenário também foram pontuadas, tais como: conciliar as demais obrigações com as atividades do perfil; manter a regularidade das postagens; o algoritmo do Instagram que não mostra as publicações realizadas a todos os seguidores, o que pode levar ao baixo retorno do público; sintetizar assuntos ou pesquisas extensas; adaptar a linguagem técnica, entre outras.

Na visão dos *Studygrammers*, as postagens com mais alcance são aquelas que: apresentam informações resumidas sobre determinado conteúdo, geralmente em forma de mapas mentais feitos a mão; relacionam fenômenos e conceitos a fatos do cotidiano ou curiosos; abordam/discutem temáticas atuais, como a pandemia de Covid-19 (Doença do Coronavírus) e a vacinação; ou combatem *fake News* com informações científicas com credibilidade. Conforme Silva e Serafim (2016), as tecnologias de informação e/ou comunicação possibilitam ao indivíduo ter acesso a uma ampla gama de informações e complexidades de um contexto (próximo ou distante) que, num processo educativo, pode servir como elemento de aprendizagem, como espaço de socialização, gerando saberes e conhecimentos científicos. Os relatos a seguir ilustram esse cenário:

*“já ajudei muitos seguidores a mandarem bem em provas com os mapas mentais que faço. Eles gostam bastante, principalmente quando faço com lettering.” (CAROL, Perfil @6);*

*“é só eu falar de algum estudo que saiu sobre Covid que a publicação bomba. Quando é alguma novidade que saiu naquele dia e que pouca gente tá falando sobre, dá mais retorno ainda” (ERICK, Perfil @2).*

Cabe destacar que, ao gerenciar *Studygrams*, os *Studygrammers* mantêm uma interação intensa com o conteúdo, pois o processo de elaboração das postagens exige pesquisa, estudo, síntese, reflexão e organização. Ademais, quando o público tem acesso às postagens (seguidores ou não do perfil), é possível participar de discussões, tirar dúvidas, dar/receber dicas leituras e estudo, entre outras possibilidades. Esse conjunto de ações fomentam seus percursos individuais de aprendizagem, mas também acabam desencadeando processos de ensino que podem estimular, em si e naqueles que os acompanham, o desenvolvimento de habilidades e competências, o senso crítico, a autonomia, a criatividade e a tomada de decisões.

Sobre planos futuros e perspectivas para a página, muitos alegaram a intenção de expandir as ações do *Studygram* para outras mídias sociais e plataformas audiovisuais, por meio da gravação de *podcasts* para postar no Spotify e vídeos para o YouTube, bem como a criação de comunidades ou grupos de discussão no Facebook: “*Futuramente eu desejo expandir o Studygram para outras plataformas para que mais pessoas sejam alcançadas*” (ANA, Perfil @1). A falta de recursos financeiros e de pessoas e/ou conhecimentos próprios para realizar edição e roteirização são os principais entraves.

Com base no exposto, verificamos que surgimento dessas contas indica uma necessidade da população jovem e de profissionais de criar táticas próprias de aprender e ensinar; e vivenciar formas independentes do currículo escolar de produzir, consumir e gerenciar conteúdo. Além disso, tais iniciativas são capazes de auxiliar no desenvolvimento de habilidades e competências úteis do ponto de vista da escola (PEREIRA; FILOL; MOURA, 2019) e também das demandas do mundo do trabalho contemporâneo.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As TDIC têm revolucionado além de outras esferas da sociedade, a área da educação. Na década de 2010-2020, a maneira de se relacionar, aprender e ensinar se reconfigura, sobressaltando o papel dos influenciadores de aprendizagem por meio de perfis em redes sociais, como os *Studygrams*.

Alunos e professores passaram a experimentar uma nova perspectiva para o ensino-aprendizagem que se inter-relaciona com sua prática social na lida com TDIC, bem como na construção da cibercultura e da cultura da mobilidade. Nesse novo cenário, selecionam, organizam, (re)produzem e trocam saberes, ideias e conhecimento em rede. São propiciados também momentos de interação com outras pessoas, em que é possível levantar e discutir hipóteses; argumentar e lidar com contra-argumentos; tomar decisões; refletir sobre conceitos e fenômenos; ser conduzido desenvolver raciocínios complexos em meio a complexidade, na qual o todo se encontra nas partes e as partes (virtualmente) no todo (MORIN, 2013); dentre tantas outras possibilidades.

Ao analisar os perfis investigados, identificamos que cada gerenciador tem sua especificidade na maneira de construir e compartilhar conhecimento, que, quando atrelados a dinâmicas criativas e estratégicas oportunizadas pelas tecnologias e as redes, potencializa o desenvolvimento do ensino-aprendizagem, resultando em relatos positivos de produtividade tanto dos gerenciadores dos perfis como do público que os segue.

Observamos que os sujeitos por trás dos perfis, em sua maioria, são do sexo feminino, indicando que questões de gênero podem estar influenciando as dinâmicas de ensino-aprendizagem em Ciências e Biologia na cibercultura, sobretudo entre jovens e adolescentes. Tal problemática merece ser foco de atenção e discussão aprofundada em pesquisas futuras.

O processo de criação de conteúdos de estudo em mídias sociais vai muito além de postagens bem elaboradas. Consiste em uma abordagem que explora e desenvolve competências e habilidades, tanto naquele que posta, quanto no público. Para mais, é uma prática que tem despertado nas pessoas atitudes de empreendedorismo, autonomia, organização, interação e criatividade, que permitem (1) a fixação dos conteúdos; (2) o reforço pela busca em articulação de diferentes disciplinas e/ou de aspectos do cotidiano ao se abordar uma temática; (3) a formação para cidadania.

Nesse viés, é indispensável que as práticas pedagógicas no Ensino de Ciências e Biologia se alinhem aos avanços tecnológicos, ao desenvolvimento da cibercultura e a cultura da mobilidade, considerando a invasão das mídias sociais no cotidiano de alunos e professores. É necessário transformar as iniciativas para que o ensino-aprendizagem em Ciências e Biologia sejam mais estimulantes, atrativos e inovadores, como também se

contextualizem com as dinâmicas que os usuários do ciberespaço constroem, usufruem e modulam de acordo com suas necessidades.

Acreditamos que ferramentas como os Studygrams e suas múltiplas utilidades podem contribuir para as iniciativas de educação *online* de Biologia a medida em que estimulam a experimentação, a reflexão, a geração de conhecimentos individuais e coletivos, a criação de ambientes de aprendizagem colaborativa construídos coletivamente e a intercriatividade.

## REFERÊNCIAS

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**. Porto: Porto Editora, 1994.

CORRÊA, M. V.; ROZADOS, H. B. F. A netnografia como método de pesquisa em Ciência da Informação. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 22, n.4 9, p. 1-18, 2017. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/35371>. Acesso em 16 de jul. de 2022.

D'ÁVILA, C.; SANTOS, E.; MACEDO, T. R. Game of thrones, interações em rede e experiências formativas em história. **Teias (Rio De Janeiro. Impresso)**, v. 21, p. 37-47, 2020. Disponível em: <https://www.e-licacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/48624>. Acesso em 17 de jul. de 2022.

GOULART, E. E. O docente nas mídias sociais. GOULART, E. E. (Org.). **Mídias sociais: uma contribuição de análise**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014. p. 107-1026.

INCT-CPCT – INSTITUTO NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA EM COMUNICAÇÃO PÚBLICA DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA. **O que os jovens brasileiros pensam da ciência e da tecnologia**. Rio de Janeiro: Fiocruz/COC; INCT-CPCT, 2021. Disponível em: [https://www.inctcpct.ufpa.br/wpcontent/uploads/2021/02/LIVRO\\_final\\_web\\_2pag.pdf](https://www.inctcpct.ufpa.br/wpcontent/uploads/2021/02/LIVRO_final_web_2pag.pdf). Acesso em 17 de jul. de 2022.

KOZINETS, R. V. **Netnografia: Realizando pesquisa etnográfica online**. Porto Alegre: Penso, 2014. p. 203.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LUCENA, S. Culturas digitais e tecnologias móveis na educação. **Educar em Revista**, n. 59, p. 277-290, 2016. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/er/a/Mh9xtFsGCs6HRpCWWM5XhvL/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 17 de jul. de 2022.

LUCENA, S.; OLIVEIRA, A. A. D.; SANTOS JÚNIOR, G. P. A web 2.0 e os softwares sociais: outros espaçostempos multirreferenciais de formação na iniciação à docência. In: PORTO, C.; OLIVEIRA, K. E.; CHAGAS, A. **Whatsapp e educação: entre mensagens, imagens e sons** [online]. Salvador: Ilhéus: EDUFBA; EDITUS, 2017. pp. 257-274.

LUCENA, S.; OLIVEIRA, J. M. A. Culturas digitais na educação do Século XXI. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, n.14, v. 7, p. 35-44, 2014.  
<https://doi.org/10.20952/revtee.v0i0.3449>

MORAES, R. GALIAZZI, M. C. **Análise Textual Discursiva**. 2. Ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2011.

MORIN, E. A. **Via para o futuro da humanidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

NOVAES, A. Construindo uma rede social especializada. In: AYRES, M.; CERQUEIRA, R.; DOURADO, D.; SILVA, T. (Org.) **Mídias Sociais: perspectivas, tendências e reflexões**. Salvador: PaperCliQ, 2010. p. 150.

PEREIRA, S.; FILOL, J. MOURA, P. El aprendizaje de los jóvenes con médios digitales fuera de la escuela: De lo informal a lo formal. **Revista Científica de Educomunicación**, v. 27, n. 58, p. 41-50, 2019. Disponível em:  
<https://www.revistacomunicar.com/verpdf.php?numero=58&articulo=58-2019-04>. Acesso em 17 de jul. de 2022.

RECUERO, R. **Redes Sociais na internet**. Porto Alegre: Sulinas, 2009.

ROJO, R. Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola. In: ROJO, R.; MOURA, E. (Org.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Párabola, 2012.

SANTAELLA, L. **Comunicação ubíqua: repercussões na cultura e na educação**. São Paulo: Paulus, 2013.

SEMECHECHEM, J. A.; JUNG, N. M. “Letra bonita é coisa de menina”: a construção do gênero social em um evento de letramento escolar. **Revista Veredas**, v. 17, n. 2, p. 232-251, 2013.

SILVA, F. S., SERAFIM, M. L. Redes sociais no processo de ensino e aprendizagem: com a palavra o adolescente. In: SOUSA, R. P. et al. (Org.). **Teorias e práticas em tecnologias educacionais**. Campina Grande: EDUEPB, 2016. p. 67-98.

---

## APÊNDICE 1

### AGRADECIMENTOS

Aos Studygrammers que se dispuseram a cooperar de forma voluntária com esta pesquisa.





contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico. Os editores da Revista têm o direito de proceder a ajustes textuais e de adequação às normas da publicação.

## PUBLISHER

Universidade Federal de Mato Grosso. Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências e Matemática (PPGECM) da Rede Amazônica de Educação em Ciências e Matemática (REAMEC). Publicação no [Portal de Periódicos UFMT](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da referida universidade.

## EDITOR

Patrícia Rosinke  

## HISTÓRICO

Submetido: 26 de janeiro de 2022.

Aprovado: 15 de maio de 2022.

Publicado: 24 de julho de 2022.